

A HISTÓRIA DA ÁFRICA E DO NEGRO NO BRASIL NOS LIVROS DIDÁTICOS: A APLICABILIDADE DA LEI 10.639/2003 NO COMPLEXO DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL PROFESSOR MAGALHÃES NETTO EM MADRE DE DEUS - BA¹

Vera Lúcia Bispo dos Santos²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar os resultados parciais de uma pesquisa de iniciação científica, cujo escopo é avaliar a implementação da lei 10.639/2003, na escola municipal Professor Magalhães Netto, situada no município de Madre de Deus, a partir dos materiais didáticos de História utilizados nas aulas de História do 6º e 7º ano do ensino fundamental e da observação das aulas, no intuito maior de analisar a forma como são abordados os conteúdos referentes à História da África e à História do Negro no Brasil.

Palavras-chave: Brasil. [Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003]. Complexo de Educação Municipal Professor Magalhães Netto - Estudos de caso. Negros - Educação - Madre de Deus (BA).

ABSTRACT

This article intends to present the partial results of a Scientific Initiation' research to evaluate legislation 10.639/2003's applicability in municipal school Professor Magalhães Netto, in Madre de Deus, analyzing Middle School's History teaching material and class observation, to investigate the approach to the contents African History and Black History in Brazil. This article specifically analyses the teaching material for sixth and seventh grade.

Keywords: Black people - Education - Madre de Deus (BA). Brazil. [Law no. 10639, January 9th, 2003]. Professor Magalhães Netto Municipal Education Complex - Case studies.

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Fábila Barbosa Ribeiro.

² Bacharelada em Humanidades pela Universidade da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

A Lei 10.639, promulgada no ano de 2003, alterou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir, através do artigo 26º, parágrafo 1º, a obrigatoriedade dos estudos de “História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional”, em todas as séries do ensino fundamental e médio. Essa lei, promoveu um grande avanço no combate à discriminação e ao racismo, uma vez que os profissionais da educação que já se engajavam nesta luta, passaram a contar com um novo instrumento de ação:

Art. 1º - A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º - (Vetado) ”

“Art. 79-A - (Vetado) ”

“Art. 79-B - O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra. ”

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Brasília, 09 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República³.

A lei 10.639 surgiu como resposta às lutas dos movimentos sociais em especial o movimento negro, que, almejava novos rumos para o ensino de História no Brasil, inserindo a História da África e da Cultura afro-brasileira na educação básica e as questões étnico-raciais como pauta curricular. Visando a valorização das contribuições dos negros para a construção da nação, inclusão de novas formas de abordagens da vida dos escravizados, onde se incluíam as várias formas de resistência empreendidas por estes. Sem esquecer dos aspectos essenciais do Brasil Escravista, mas privilegiando uma agência negra pouco trabalhada nas escolas...

Toda via, treze anos após a sua aprovação, ainda há dificuldades de se encontrar escolas que cumpram esse papel. Se a princípio podia-se culpabilizar a inexistência de materiais didáticos e paradidáticos que abordassem esse tema, atualmente nos vemos em meio a uma profusão de produções que acabam por não serem utilizados nas escolas, às mãos dos

³ Em 2008, a LDB seria novamente alterada para incluir a obrigatoriedade do ensino da História e cultura dos povos indígenas. Dessa forma, foi promulgada a Lei 11.645 para: “incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura afro-brasileira e indígena”.

profissionais. Pois esbarrão no preconceito, na intolerância religiosa, na falta de formação e até mesmo a falta de interesse de alguns professores pelo tema, o que tem dificultado a sua fomentação apesar da lei. No entanto já se pode sentir algumas mudanças, ainda que pequenas para o tempo de vigência da lei, mas, que não podemos deixar de considerar. Em âmbito público, já são ofertados cursos de formação para professores como o caso do UNIAFRO da UNILAB⁴, e as universidades pública já oferecem o curso de História da África em seus cursos de História a exemplo da universidade de São Paulo (USP,) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA) que criou em 2005 o Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos. É importante ressaltar que dos cursos de formação saem multiplicadores que procuram desenvolver o tema nas escolas em que lecionam. Como observa Mônica Lima:

Dos cursos de história da África saíram multiplicadores que, em suas instituições de ensino criaram iniciativas e hoje participam de forma mais efetivas de fóruns de debate e ações do movimento social, havendo também aqueles que prosseguiram em seus estudos, pois se sentiram estimulados para tanto. (Lima, 2009 p. 154)

Outro desafio, da lei é fomentar entre os alunos, do ensino fundamental e médio um conhecimento sobre a História do continente africano e sobre a cultura afro-brasileira visando diminuir o preconceito e desconstruir as imagens estereotipadas que, se formaram no imaginário brasileiro sobre o continente. Infelizmente, apesar dos esforços em criar estratégias para uma reeducação no que diz respeito aos temas ligados à África e às relações étnico-raciais e o combate ao preconceito no âmbito escolar, passos tímidos têm sido dados em direção à concretização deste objetivo.

Nesse contexto, a pesquisa ora apresentada, tem o objetivo de contribuir para a análise dos impactos da lei e sua real aplicabilidade, a partir dos materiais didáticos utilizados no Complexo de Educação Municipal Professor Magalhães Netto, no intuito de fornecer subsídios para a reflexão das práticas em torno da lei 10.639/2003 e apontar caminhos e perspectivas futuros. O Complexo de Educação Municipal Professor Magalhães Netto, situa-se na cidade de Madre de Deus, um jovem município, do Recôncavo baiano que se emancipou em 1989. Em 2015, a cidade contava com uma população de 20.348 habitantes, segundo o - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No ano 2015, teve 2.824 alunos matriculados no ensino fundamental, 697, no ensino médio e 444 na pré-escola.

Embora o município receba livros didáticos fornecidos pelo Ministério de Educação e Cultura (Mec.), a prefeitura de Madre de Deus adota os módulos da editora positivo. O material didático do ensino fundamental II, objeto de análise, é produzido por essa Editora e se encontra

⁴ Curso de Especialização em Política de Igualdade Racial no Ambiente Escolar.

dividido da seguinte forma: para cada série são 4 volumes correspondentes aos quatro bimestres, dividindo os seus conteúdos nas disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, História, Língua Inglesa e Educação Artística (WITOKSLAWSKI, 2013).

A pesquisa contemplará duas etapas: a primeira consistindo na análise de material didático, a fim de averiguar o tratamento dado aos conteúdos e imagens relacionados ao continente africano e à História dos negros no Brasil e a segunda, o acompanhamento das aulas de História do Ensino Fundamental II durante o período de um bimestre. No caso deste artigo, apresentamos os resultados da pesquisa realizada com alunos dos 6º e 7º anos sobre os quais apresentamos também uma sondagem com para identificar os seus conhecimentos a sobre a África antes e depois do início dos trabalhos com os módulos Positivo, a sondagem inicial, resultados que serão apresentados ao longo do presente artigo.

A História da África e dos negros no Brasil nos materiais didáticos Positivo

O Módulos do sexto ano:

Os quatro volumes de estudos, no 6º ano, são compostos por 1.135 páginas, das quais 169 páginas, são dedicadas à disciplina de História. Os conteúdos desse material se encontram divididos da seguinte forma:

Volume I:

Aborda Estudo da História – compreender o passado e o presente, as pessoas e a História, fontes históricas, o tempo e a História. As primeiras sociedades – o início da história, origens da humanidade, nomadismo e sedentarismo. Mesopotâmia Crescente e Fértil, a vida entre o Tigre e o Eufrates, uma região de muitos povos, culturas e influências mesopotâmicas. Egito A vida ao redor do Nilo, o cotidiano no Antigo Egito, os egípcios e outros povos.

O Volume II, aborda Fenícios e Hebreus Persas origem, deslocamento e sedentarismo, expansão territorial, organização imperial.

A Grécia, as cidades estados e identidades, a formação do mundo grego, idioma e religião, a identidade grega, Atenas e Esparta cultura e conhecimento – a educação e os jogos, relações familiares, o conhecimento, as guerras.

O Volume III: aborda Roma: da fundação ao estabelecimento da Monarquia, o estabelecimento da Republica, a vida cotidiana, organização social, o direito conquistas

territoriais. Do Império à fragmentação – o estabelecimento do império, trabalho escravo, conquistas territoriais, organização social. Cultura e Contatos com outros Povos – sociedade e religião, arquitetura e arte, migrações, invasões e divisão do Império Romano.

O Volume IV aborda Império Bizantino – política e economia, cultura e sociedade, Igreja Bizantina, Influências culturais. Árabes – Arábia, Mohammad e a unificação, Islamismo, política e economia, cultura e sociedade, expansão territorial do Islã, influências culturais. Europa Ocidental – das migrações ao mundo carolíngio.

O Estudo da história no 6º ano do Ensino Fundamental

O material analisado, faz uma rápida exposição sobre a forma de estudar História. Aborda a influência da religião católica na formação do Brasil e de seus costumes. Fala da influência de outros povos em nossa alimentação, cita a macarronada que é um prato que faz parte do cotidiano brasileiro, mas é um prato típico italiano, feito com o macarrão de origem chinesa e tomate, um fruto americano. Cita o acarajé, um prato típico baiano, que é uma adaptação de uma comida africana, que os africanos adaptaram do falafel árabe, originado no Oriente Médio: segundo o texto do livro “o acarajé é um prato típico da Bahia. Sua origem é afro-brasileira foi adaptado de uma comida africana. Os africanos, por sua vez, criaram o acarajé com base em um prato árabe chamado falafel, originado no Oriente Médio.” (Modulo positivo História, p.7).

Neste trecho é muito interessante a apresentação de um prato de origem europeia e outro de origem africana, isso evidencia que houve uma influência diversa na formação da culinária brasileira. O que também se deu em outros aspectos da formação da nação.

No entanto, mais adiante, quando aborda a questão da habitação, o material, descreve vários tipos de moradias, tais como iglu (casas feitas com blocos de gelo), as casas de taipas trazidas pelos portugueses, casas japonesas que são feitas de materiais leves e tem moveis baixos por causa dos terremotos, casa de madeira com telhado alto típicas de países europeus e casas construídas sobre palafitas. Trazendo inclusive ilustrações de cada uma delas como nos exemplos abaixo.

As casas de madeira com telhado alto típicas de países europeus onde tempestade de neve são comuns. ...



As casas feitas sobre palafitas são próprias de comunidades que se desenvolveram e passaram a viver na margem de grandes rios ...



No item sobre a origem da humanidade, o livro menciona o fato já bastante difundido, de que os mais antigos fósseis humanos foram encontrados no Continente Africano e que acredita-se que os primeiros seres humanos surgiram na África e de lá se espalharam pelo mundo, chegando, primeiramente, ao Oriente Médio e depois seguindo em direção a Europa e Ásia. Nota-se que o texto também descreve como se formaram as diferentes características históricas e como as pessoas são agentes históricos. Menciona as diferentes fontes históricas. Como as escritas que os egípcios deixaram nas paredes, os fósseis, os sítios arqueológicos, sem, contudo, no caso da escrita egípcia, mencionar a origem negra dessa grande civilização. A omissão da origem negra dos egípcios é questionada por Kabengele Munanga, segundo o autor, essa omissão foi sem dúvida, mais uma forma de justificar e legitimar a colonização do continente:

Podemos seguramente deduzir da história do Egito faraônico que, pelo menos, 21 dinastias faraônicas eram nitidamente negras: as primeiras 20 dinastias que ininterruptamente, reinaram sem que houvessem invasões estrangeiras, e a XXV dinastia, que foi sudanesa e negra. Os testemunhos aqui rapidamente resumidos apresentam um grau de concordância de difícil contestação sobre a origem negra da civilização egípcia. No entanto esses fatos em toda a sua objetividade estão ainda subestimados e ocultados no ensino da história. O que estaria por trás dessa subestimação e ocultação da capacidade de criadora dos negros da África? Certamente, a justificação e a legitimação da colonização do continente africano, da sujeição dos povos e a pilhagem de suas riquezas naturais. (Munanga, 2009 p. 50)

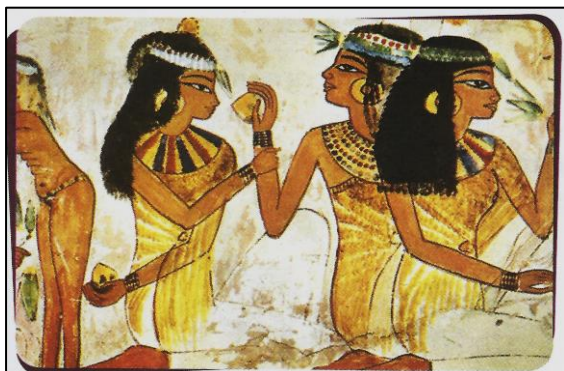
No caso do Módulo Positivo, nas dez páginas dedicadas à história do Egito, apresenta-se a riqueza de uma grande civilização. Constam no texto a localização, a importância do rio Nilo, política, religião e a crença na vida após a morte. A criação das escritas hieroglífica, hierática e demótica, descrevendo cada uma delas. Traz ainda a descrição da figura e função dos Sacerdotes e o livro dos mortos. O cotidiano do Antigo Egito, curiosidades como o recomeço da contagem dos anos a partir da coroação de cada faraó. Os hábitos de higiene e cuidados com o corpo. As técnicas de irrigação na agricultura, um relato de Heródoto sobre um ritual de mumificação. As conquistas Egípcias, as invasões e dominações que sofreram.

Mais uma vez o autor não faz referência a origem negra dos egípcios, quais motivos o levam a omitir essa origem negra? Quando alguns historiadores da antiguidade como: Heródoto, Aristóteles, Estrabão, Amiano Marcelino Volney entre outros já afirmavam isso segundo Munanga:

Para os historiadores e escritores gregos e latinos que visitaram o norte da África no início e depois das invasões gregas e romanas, a classificação física não era problema: “Os egípcios eram negros, lábios grossos, cabelos crespos e pernas finas[...]Fica difícil ignorar ou subestimar a concordância entre os testemunhos apresentados pelos

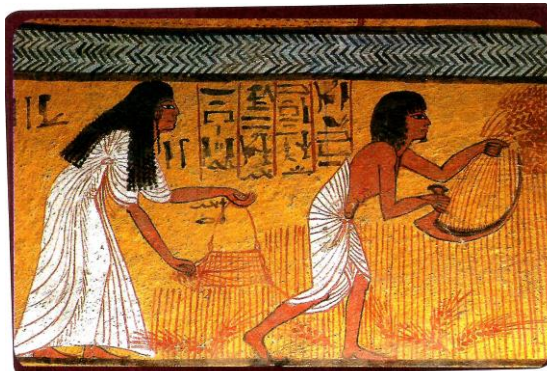
autores com referência a um fato tão evidente quanto a raça de um povo (Munanga 2009 p 45)

Embora o material traga figuras onde fica claro que os antigos egípcios não eram brancos, também não mostra que eram negros fica subentendido que estes, tinham a pele bronzeada. O que podemos perceber na figura abaixo:



Pintura na tumba de Nakht, Egito

(Modulo positivo 6º ano – volume II p. 41)



Pintura representando colheita de cereais pelos camponeses egípcios. Vale dos Reis, Tebas.

(Modulo positivo 6º ano – volume II p. 46)

Corel Stock Photos

Latinstock/álbum/François
Guénet /Akg-Images

Podemos concluir que, das 169 (cento e sessenta e nove) páginas dedicadas à disciplina História no módulo do 6º ano, apenas 23 páginas a trazem algo relacionado ao continente africano.

Módulos do sétimo ano:

Os quatro volumes do 7º ano, são compostos por um total de 1036 páginas, das quais 156 são dedicadas à disciplina de História. Os conteúdos desse material se encontram divididos da seguinte forma:

No Volume I, são abordados os seguintes assuntos: Sistema feudal sua formação, organização política, a sociedade feudal e a hegemonia da Igreja. Renascimento Comercial e Urbano, o aperfeiçoamento agrícola, as feiras e rotas comerciais, o crescimento das cidades e da burguesia, as cruzadas, Crise no Sistema Feudal – estuda a crise do século XIV. Renascimento Cultural – península Itálica: riqueza material e herança do mundo clássico burguesia suas ideias e modo de vida, características do renascimento científico expansão do renascimento.

No Volume II, são abordados os seguintes assuntos: Estados *Nacionais Modernos*, *Reformas Religiosa*, Grandes Navegações, África Subsaariana, Contatos entre europeus e africanos na Costa Atlântica, Contatos entre europeus e africanos na Costa Índica.

No Volume III, são abordados os seguintes assuntos: O Oriente - Contato entre europeus e asiáticos, Índia, China e Japão Povos pré-colombianos, os Maias, Astecas e Incas, Povos do Brasil - Ocupação do território, diferentes povos, diferentes costumes Organização: a tribo, a plantação, a coleta e a caça, As crenças e a guerra Colonizações espanhola e inglesa na América - Política mercantilista e ocupação da América, Colonização espanhola, Colonização inglesa.

No Volume IV são abordados os seguintes assuntos: Colonização portuguesa na América, A crise do comércio com as Índias, Contatos, escambos e feitorias, Organização da política colonial, Presença francesa e holandesa. Brasil Colonial: a sociedade açucareira - Economia açucareira, O engenho, a Sociedade açucareira, Vilas e cidades, Comércio interno. Brasil Colonial: a expansão para o interior – Bandeiras, Drogas do Sertão, Criação de gado, Missões e reduções jesuítas

Nas nove páginas dedicadas ao continente, o autor começa a contar a História da África através das viagens marítimas e a exploração do continente pelos europeus no século XV, mostra que os europeus já o conheciam, e ainda a importância das sociedades africanas. Depois fala sobre os modos de vida dos povos que habitavam a região do Saara e a forma como se organizavam às margens dos rios Congo, Cuanza, Cunene, Zambeze em atividades agrícolas e pesqueiras. Mostra como viviam em aldeias, nas quais predominava a divisão do trabalho e uma forte hierarquia social.

O texto faz ainda um breve relato de como os muçulmanos conseguiram converter parte das populações ao islamismo, e que os povos nômades foram responsáveis pela expansão da religião Islâmica e aborda finalmente a sua importância para o bom desenvolvimento das relações comerciais. Citando o trecho do texto de um autor retirado da coleção História Geral da África⁵:

[...] o islã apresentava (e apresenta) um conjunto de preceitos morais e práticos estreitamente ligados às atividades comerciais. Este código moral ajudava a sancionar as relações comerciais e oferecia, aos membros dos diferentes grupos étnicos, uma ideologia unificadora que atuava em favor da segurança e do crédito, duas das condições essenciais para a existência de relações comerciais entre parceiros comerciais distantes entre si.

(FASI, Mohammed ele (Ed.). História Geral da África, III: África do século VII ao XI. Brasília: Unesco, 2010, p.88 apud WITOSLAWSKI, Henrique. História: 7º Ano

⁵ Material elaborado pela Unesco

/ Henrique Witoslawski/ Ilustração DKO Estúdio Roca. – Curitiba: Positivo, 2013, p.44)

O autor termina este tópico falando da chegada dos portugueses a costa africana.

Porém, quando os portugueses começaram a aportar ao longo da costa africana, não se encontraram com populações islâmicas, mas com uma série de povos que tinham pouco, ou nenhum, contato com o norte do continente.

Provavelmente em consequência disso é que os portugueses conseguiram estabelecer relações com esses povos, incluindo trocas comerciais e difusão do cristianismo por meio das missões. (WITOSLAWSKI, 2013, p.44)

No tópico “Contato entre portugueses e africanos”, o autor, nos mostra que por toda a África já havia diversas forma de organização social e que os europeus tiveram o primeiro contato com os povos que viviam próximo ao litoral, o que considero um ponto positivo. Outro ponto positivo é o fato de ele trazer ainda que de forma muito superficial os impérios de Gana, Mali, e o reino do Congo e ainda a cidade de Tombuctu que na chegada dos portugueses já era uma verdadeira metrópole com comercio desenvolvido com lugares de ensino e biblioteca. Sobre os reinos ele escreve o seguinte:

Após contornarem o Cabo Bojador, os portugueses continuaram explorando a Costa Atlântica e se deparam com sociedades cujo comercio era muito prospero no continente africano, o que interessava aos lusitanos.

Algumas dessas sociedades haviam sido convertidas à religião islâmica....

A primeira grande organização social da África Subsaariana foi o Império de Gana, no século IV. Localizado ao sul do Saara, Após o declínio do Império de Gana, enfraquecido diante de guerras tribais, outra organização imperial surgiu na região, o Império Mali. Localizado perto do Rio Níger e de diversas regiões ricas em ouro, ... (WITOSLAWSKI, 2013, p. 45)

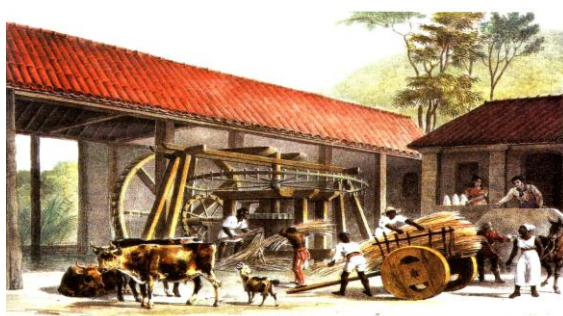
O Congo era um reino que dominava diversos povos e territórios diferente na África Centro-Occidental. O comercio interno do Congo impressionou os portugueses, assim como a organização administrativa das províncias. ... o contato entre o Reino do Congo e os portugueses foi tão intenso que o rei Nzinga-a-Nkuwu se converteu ao cristianismo. ... (WITOSLAWSKI, 2013, p. 46)

Como na maioria dos livros didáticos o espaço dedicado a História da África é muito pequeno para dar conta da enorme diversidade cultural ali existente. Passemos agora para a abordagem da imagem do negro pelo material Positivo no capítulo Brasil Colonial.

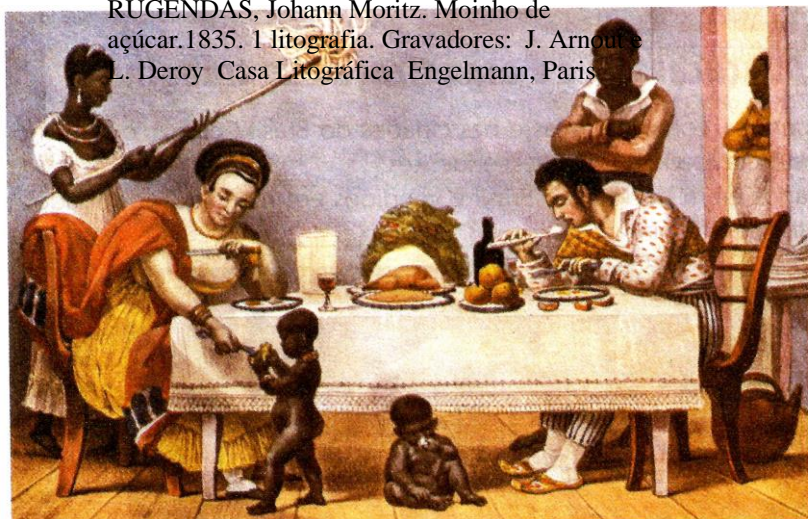
Neste capítulo a figura do negro aparece como mera força de trabalho associada às propriedades dos senhores de Engenho. O que se evidencia no trecho em destaque:

O prestígio de um senhor de engenho era medido pelas dimensões de sua propriedade, pela sua produção de pães de açúcar e pelo número de escravizados, o fato de ele sustentar um grande número de familiares e agregados também era fator de prestígio social." (WITOSLAWSKI, 2013, modulo 4 p.22)

Podemos observar que as figuras apresentadas no material tentam humanizar o tratamento dado aos negros naquele período. Este fato pode ser observado tanto nas pinturas de Johann Moitz Rugendas como nas Jean Baptiste Debret. A primeira traz o cotidiano do moinho de açúcar e os negros não trazem os imensos fechos de cana nas costas, estão a descarregar um carro de tração animal. A segunda mostra os negros a disposição dos senhores enquanto estes jantam. Uma senhora dando alimento aos filhos de escravos, que estão nus no chão ao redor da mesa como se fossem animais de estimação. Mas já não aparecem mais o pelourinho nem as chicotadas. E sim a benevolência da gentil senhora alimentando seus futuros escravos.



RUGENDAS, Johann Moritz. Moinho de açúcar. 1835. 1 litografia. Gravadores: J. Arnould e L. Deroy Casa Litográfica Engelmann, Paris



DEBRET, Jeann - Baptiste. Um jantar brasileiro, 1827, 1 aquarela sobre papel: color, 15,9cm x 21,9 cm, Museu Castro Maia, Rio de Janeiro.

Os conteúdos sobre a História da África nos módulos da Editora Positivo, aparecem de forma superficial e generalizadora, com 11 páginas no primeiro volume do 6º ano dedicadas especialmente ao Egito e 9 páginas dedicadas ao continente africano no segundo volume do 7º ano, fato que ocorre com a grande maioria dos livros didáticos, que quando trazem temas ligados à África, dedicam a eles em média de 10 a 20 páginas apenas. Anderson Ribeiro Oliva já apontava para este fato, ao mencionar que: “... a grande maioria dos livros didáticos de

História utilizados nesses níveis de ensino não reservam para a África espaço adequado, pouco atentando para a produção historiográfica sobre o continente” (OLIVA, 2003 p.428)

É curioso observar que Oliva escreve seu artigo no mesmo ano de promulgação da Lei 10.639, e que o pouco espaço para a História da África, em detrimento de uma História eurocêntrica permanece, o que torna o seu texto ainda mais atual. Esse fato muito contribui para a formação de imagens equivocadas por parte dos alunos sobre o continente africano e sobre os negros que quase sempre aparecem como escravos trazidos da África para realizar o trabalho que os índios (rebeldes) não queriam fazer. A atualidade desse artigo também aparece nas respostas dadas pelos alunos envolvidos na nossa pesquisa. Oliva chama atenção para a forma preconceituosa que nós brasileiros tratamos a África. Influenciados pelas mídias que mostram um continente marcado por guerras étnicas, fome e doenças. E esses alunos reproduzem esse preconceito.

Em alguns livros didáticos ainda aparece uma representação dos indígenas como fracos que não conseguiam suportar o árduo trabalho das plantações de cana-de-açúcar, nesse caso, os escravizados trazidos da África, já tinham o “costume” de trabalhar nas plantações na África. Aparecem também como os ‘pobrezinhos” que foram libertados pela princesa Isabel, que por muito tempo foi homenageada nas escolas, como a grande redentora dos escravos. É importante ressaltar que essa perspectiva omite todas as formas de resistência utilizadas por africanos e seus descendentes para se rebelar contra a submissão ao cativo, resumindo-os a seres conformados e resignados com a sua condição de escravizados.



▲ *Negro no pelourinho - Debret.*

Acervo Nova Escola

Esta reprodução de uma litogravura de Jean-Baptiste Debret, aparecia em vários livros didáticos. Um escravizado aplicando castigo a um fugitivo, enquanto outros assistem para

aprender a lição. Ainda hoje, figuras como estas são encontradas nos livros didáticos, para mostrar a participação dos negros na formação do Brasil. Os africanos e seus descendentes, aparecem mais especificamente nos capítulos dedicados ao período colonial, a formação da sociedade brasileira, sempre associada à escravidão. A presença dos negros no pós-abolição ainda se encontra ausente desses manuais. Embora haja uma luta que se estende do século XX até os dias atuais por uma nova história do negro na formação do Brasil, essa luta mobilizou vários setores da sociedade e deu origem a várias organizações tais como: Movimento Negro Unificado, Teatro Experimental do Negro e Grupo Palmares.

A partir dessa perspectiva de análise dos materiais didáticos de História da Editora Positivo, e da constatação de que ainda se dedica pouco espaço à História da África e de africanos e seus descendentes na diáspora, tentaremos doravante observar a disseminação dos conteúdos em sala de aula, a partir da participação em algumas aulas de História do 6º e 7º ano, assim como da aplicação de um questionário que teve o intuito de sondar as percepções dos alunos a respeito do continente africano.

Complexo de Educação Municipal Professor Magalhães Netto em Madre de Deus e o ensino de História da África e cultura afro-brasileira: desafios e possibilidades

O Complexo de Educação Municipal Professor Magalhães Netto foi inaugurado em 13 de junho de 1970, com apenas 04 salas de aula. Atualmente conta no andar térreo com um pátio coberto, salas de direção secretaria, cozinha com dispensa, refeitório, banheiros masculino e feminino. No 1º andar, há 12 salas de aula, uma sala de leitura, a sala dos professores, um laboratório de informática, salas da coordenação e orientação pedagógica e vice direção, dois banheiros masculinos e dois banheiros femininos para os alunos e mais dois banheiros para os professores. No 2º andar, se encontram a quadra de esportes descoberta, o auditório, vestiários masculino e feminino e a sala de jogos. Neste andar são ministradas as aulas do projeto “Mais Educação” e as atividades de Educação Física.

Nas salas do 1º andar, são ministradas as aulas do ensino fundamental II, sendo que no turno matutino funcionam 05 turmas de 9º ano e 07 turmas de 6º ano e no turno vespertino 06 turmas de 7º ano e 6 turmas de 8º ano, num total de 639 alunos.

A grande maioria desses alunos são declarados como pardos pelos pais, no momento de sua matrícula. A biblioteca do colégio está desativada, possui um bom acervo de livros paradidáticos que estão guardados em um depósito no qual podemos encontrar 02 ou 03 exemplares do livro de contos “A Preferida do Rei”, de Toni Brandão, “O que Há de África em nós” de Wlamyra Albuquerque e Walter Fraga, vários exemplares de “Cultura Afro e Cultura

Indígena”, da editora Moderna. Romances como: “Kalahari uma aventura no deserto”, “Sangue de índio”, entre muitos outros.

Apesar de a biblioteca se encontrar desativada, existe uma sala de leitura onde os professores podem levar os alunos para trabalhar com os livros. Fica à escolha do professor trabalhar com esses livros ou não. Infelizmente a grande maioria dos professores não utiliza esta sala. A escola conta com 13 professores que ministram as aulas de História, Geografia e Ensino Religioso, de um total de 43 professores, dos quais 33 se autodeclararam negros. A escola conta ainda com 11 funcionários na secretaria entre agentes e auxiliares administrativos, 04 auxiliares de disciplina, 07 merendeiras e 14 auxiliares de serviços gerais. Distribuídos nos três turnos. No ano de 2015 foi desenvolvido no mês de novembro um projeto denominado de “Feira do Conhecimento”, que segundo os gestores e coordenadores, teve o objetivo de incentivar a criatividade e o senso prático dos alunos, estimular a interdisciplinaridade, desenvolver estudos em equipe e estimular hábitos de vida mais saudáveis. Neste projeto, cada turma desenvolveu atividades de pesquisa sobre um tema específico, com uma apresentação no pátio da escola em que cada turma teve seu Stand e apresentou para os pais e a comunidade do entorno os resultados de suas pesquisas. Os trabalhos foram distribuídos por temas, da seguinte forma:

No ano de 2015 foi desenvolvido no mês de novembro um projeto denominado de “Feira do Conhecimento”, que segundo os gestores e coordenadores, teve o objetivo de incentivar a criatividade e o senso prático dos alunos, estimular a interdisciplinaridade, desenvolver estudos em equipe e estimular hábitos de vida mais saudáveis. Neste projeto, cada turma desenvolveu atividades de pesquisa sobre um tema específico, com uma apresentação no pátio da escola em que cada turma teve seu Stand e apresentou para os pais e a comunidade do entorno os resultados de suas pesquisas. Os trabalhos foram distribuídos por temas, da seguinte forma:

6º ANO: MAIS VALORES MAIS VIDA.

Abordaram, os Índios, Cultura Indígena, Cultura Afro-Indígenas, e suas crenças.

7º ANO: CIDADANIA –ARTE DOM BEM VIVER

Abordaram, a importância de bons hábitos alimentares para uma boa saúde e a importância das atividades.

8º ANO: SEXUALIDADE: MITOS E VERDADES

Buscaram informar os jovens com relação ao comportamento sexual, o uso da camisinha, pílulas anticoncepcionais as doenças sexualmente transmissíveis

9º ANO: DO CAMPO A MESA

Abordaram os costumes alimentares dos diversos povos que compõem a nossa sociedade.

No que tange às temáticas relacionadas à Lei 10.639, os alunos do 9º ano E, desenvolveram o tema “Fitoterapia Afro-indígena”, que evidenciou as plantas medicinais usadas por indígenas e afro-descendentes, os hábitos de alimentação com a saúde. Os alunos mostraram os vários tipos de grãos que índios e africanos usavam na alimentação e as plantas usadas nos rituais das religiões de influência africana. No folder distribuído no Stand, os alunos elaboraram o seguinte texto:

Não é difícil constatar que as plantas têm seus papéis determinados, dentro dos rituais e estes têm muito a ver com suas propriedades, a partir dos elementos que encerram. Isso se dá tanto nas cerimônias religiosas como nos rituais de cura. Daí deduzir-se que as plantas não são escolhidas aleatoriamente... (Trecho extraído do folder distribuído pela turma do 9º ano E durante a feira.)

Neste projeto cada turma desenvolveu atividades de pesquisa sobre um dos temas acima mencionado, para uma apresentação no pátio da escola onde cada turma teve seu Stand e apresentou para os pais e a comunidade do entorno os resultados de suas pesquisas.

Na entrada da escola foram colocadas as figuras do capoeirista e da baiana com o rosto vazado onde os visitantes podiam se colocar para tirar fotos. Vejam a foto a baixo.



Foto de acevo próprio.



Foto do Stand do 9º ano E, aluna explicando sobre a utilização das ervas.

Acervo próprio



Fotos do Stand do 9º ano E, exposição dos alimentos – acervo próprio

Conforme mencionado, a referida pesquisa visa conhecer e avaliar o conteúdo dos módulos Positivo para assim apontar novas possibilidades no que diz respeito ao ensino de História da África e cultura afro-brasileira. Iniciamos os nossos trabalhos, com 01 turma de 7º ano, mas pretendemos ao longo da nossa pesquisa atingir todas as séries do ensino fundamental II. Os resultados aqui apresentados são parciais e deverão ser aprofundados ao longo do próximo ano, quando ingressarei no curso de História da UNILAB. Esta pesquisa se vincula ao projeto da professora Fábria Barbosa Ribeiro intitulado: “A História da África que os livros didáticos africanos e brasileiros contam: um estudo comparativo entre Angola, Moçambique e o Brasil, financiado pela FAPESB e que terá início em 2017. A pesquisa que nos propusemos a fazer foi possível graças à cooperação de alguns professores, em especial a professora Iracema e os alunos do 7º E, que muito colaboraram com a pesquisa, ora respondendo os questionários,

ora na observação das aulas que foram feitas nas segundas-feiras no turno vespertino, durante um período de 2 meses tivemos 3 encontros.

A turma observada é o 7º ano E, que é atendida no período vespertino, formada por 29 alunos, com idades entre 12 e 15 anos, sendo 11 meninas e 18 meninos. Dos quais 06 se autodeclararam “morenos”, 06 se disseram “pardos”, 2 se autodeclararam “amarelos”, 02 se autodeclararam “brancos” e 03 se autodeclararam como negros. Em uma primeira abordagem, pedimos, sem nenhum aviso prévio, que os alunos respondessem a um questionário, pensado com o intuito de avaliar quais as informações eles tinham sobre o referido tema, além de traçar um perfil étnico-racial da turma. Neste questionário foi perguntada a idade, cor e gênero e pedimos que escrevessem algo sobre a África. E os resultados, se não surpreendem, dão margem para que se perceba quão longe estamos da real aplicabilidade da lei 10.639. Destacamos algumas palavras para posterior análise:

Pergunta aos alunos do 7º ano E: O que vocês conhecem sobre a África

André Felipe, 14 anos, pardo: “pessoas que passam fome e vivem em ambientes enojáveis e precisam cavar poças para conseguir beber água”.

Caroline, 14 anos, morena: “O que sei é que lá tem muitas famílias que passa fome e crianças que morrem por causa de ebola é que de lá que vem a doença mais perigosa do mundo o ebola.

Elaine, 12 anos, negra: “A África é um lugar que precisa de muita ajuda lá tem costumes que aqui no Brasil não existe”.

Emilly, 14 anos, branca: “Que a África é um lugar muito lindo, e é um país

Gabriel, 12 anos pardo: “É um lugar que tem uma doença chamada ebola o lugar que inventou a dança chamada capoeira onde vive pessoas negras mais se eu tivesse dinheiro eu ajudaria”.

Juliete 14 anos, pardo: “O Egito fica na África, ebola”

Kauan Icaro 14 anos, moreno: “Os africanos passavam fome e era um povo discriminado porquê da cor e porque passavam fome”.

Lidinei, 13 anos, negro: “Que na África tem muita gente pobre e todos lá são negros e muita gente passa fome”.

Lucas, 14 anos, moreno: “Que na África tem muita gente pobre, todos lá são negros e muita gente passa fome e dificuldades das coisas, é dificuldade das coisas usa sandálias de bujão e passa por muitas coisas difíceis. ”

Marterson, 13 anos, pardo “São pessoas que muitas não têm condição lá tem várias doenças, como ebola e outros tipos de doença e são um grupo de negros”.

Mateus, 13 anos, negro: “Os africanos e seca não tem comida e dá pena”.

Naeli, 14 anos, amarela: “Há na África os povos sofrimento lá é um país pobre e os escravos sofrem os povos de lá alguns morre de fome e etc”.

Rafael Fernando, 13 anos, moreno: “A África é bem pobre e tem muitos doentes mais tem gente que ajuda cuidando dos doentes, dão comida e água”.

Ricardo, 13 anos, pardo: “Eu acho que a África está precisando de ajuda lá tem muita miséria”.

Roberto, 12 anos, moreno: “A África é um dos países mais pobres do continente africano, passam fome, muitos doentes, muita seca mais algumas paisagens muito lindas”.

Sarah, 13 anos, amarela: “O que eu sei de lá é que eles são pobres negros, sem condições financeiras, lá os povos sofrem demais, teve uma vez que botaram uma bomba na igreja e matou mais de 100 pessoas lá o povo está precisando de ajuda imediatamente”.

Suane, 12 anos, parda: “Que na África existe muitos negros e existe muito racismo, pois as pessoas de hoje em dia tem muito racismo”.

Willian, 15 anos, moreno “Desmatamento”

Como podemos observar a maioria deles associam a África com fome e miséria, e com a necessidade de ajuda, acredito que isso se deve ao fato de que a maioria dos livros didáticos

não abordarem a temática História da África e quando o fazem é de forma muito superficial. Um aluno escreve que a África é um país. Outro que é o país mais pobre do continente, outro ponto é o ebola aparecer 4 vezes, isso se deve a grande mídia, que eles viram nos noticiários. Através da visão estereotipada presente nos relatos desses alunos, somos levados a pensar que pouco ou quase nada foi passado para eles em sala de aula sobre a África. Fica explícito que eles fixaram as informações passadas pela grande mídia, que os bombardeia com notícias negativas como as epidemias, guerras “tribais”, fome e pobreza. Importante observar que no material didático analisado, embora haja alguns equívocos, há informações sobre o continente africano que eles aparentemente não absorveram. O que nos leva à seguinte pergunta: “os alunos não fixaram o conteúdo ou a professora não trabalhou os conteúdos do volume dois do módulo que fala sobre África subsaariana? O período de observação foi interrompido por feriados, greves e aplicação de atividades avaliativas, o que inviabilizou um melhor acompanhamento das aulas. Das 16 aulas que seriam ministradas foi feito acompanhamento em apenas 06 num total de 03 encontros. A escolha da turma deu-se por conta de esta ser uma turma com idade fora dos padrões e das queixas dos professores com relação ao comportamento. Pretendia entender como se dava a relação comportamento x aprendizagem pode perceber que era quase impossível ministrar os conteúdos parecia estar em um outro colégio, em comparação com outras turmas. Além de avaliar se queria realmente encarar uma sala de aula.

Considerações Finais

Após a independência do Brasil, houve uma busca pela formação de uma identidade nacional, coube à escola este papel de formar os cidadãos brasileiros, baseando-se na formação cristã e no civismo. As elites se preocupavam com a formação da nação composta pela mistura de três raças: o branco, o negro e o índio. Porém, a mestiçagem era vista como problema naquela época, pois os mestiços eram considerados seres inferiores, herdeiros dos defeitos das duas raças cruzadas. Os afrodescendentes eram considerados o problema maior.

Do século XIX até a década de 30 do século XX, essas elites colocaram a questão da identidade no centro de suas reflexões sobre a construção da nação, o que as levou a considerar detidamente o problema da mestiçagem, visto na perspectiva mais preocupante, isto é, aquela que envolvia a população afro-brasileira. ” (FONSECA, 2003, p. 46)

Esse fato fica muito, mas claro no pós-abolição, quando o negro que até então figurava no trabalho escravo não servia para o trabalho assalariado poucos fazendeiros mantiveram seus ex-escravos na condição de assalariados. E eles começam a se aglomerar em morros dando início às primeiras favelas.

O governo que deveria garantir os direitos dos ex-escravos com políticas lhes garantisse o emprego para sua sobrevivência, começa a incentivar a vinda de imigrantes europeus principalmente os italianos numa tentativa de branqueamento da nação brasileira.

O final do século XIX trouxe consigo processos que não abalaram profundamente as estruturas da sociedade patriarcal brasileira. Entre eles se encontram a abolição da escravidão (1888) e a proclamação da República (1889). Ambos os eventos, não garantiram a introdução da população negra na sociedade brasileira que se estruturava. Ao contrário, negros e negras foram praticamente excluídos do mundo do trabalho, em especial do nascente processo de industrialização que se enunciava. (Ribeiro 2015 p. 73,74)

Durante séculos, a condição dos negros na História brasileira era de invisibilidade, suas contribuições para a formação da nação foram relegadas ao esquecimento, esse esquecimento se deve a uma tentativa frustrada de embranquecimento desta nação, que foi construída pelo suor e sangue dos africanos. Não precisamos e nem podemos apagar mais de 300 anos de escravidão. Mas podemos contar outras Histórias. Histórias de negros que resistiram e lutaram contra a escravidão, como a de Luiza Mahin, Zumbi dos Palmares, Maria Felipa e outros negros que não se conformaram com a escravidão. As Histórias dos grandes reis e rainhas africanos e africanas, como eles viviam antes de serem capturados e trazidos à força para as terras brasileiras e serem escravizados.

A presença do negro nos livros, frequentemente como escravo, sem referência ao seu passado de homem livre antes da escravidão e às lutas de libertação que desenvolveu no período da escravidão e desenvolve hoje por direitos de cidadania, pode ser corrigida se o professor contar a História de Zumbi dos Palmares, dos quilombos, das revoltas e insurreições ocorridas durante a escravidão; contar algo do que foi a organização sócio-político econômica e cultural na África pré-colonial; e também sobre a luta das organizações negras, hoje, no Brasil e nas Américas. (SILVA; MUNANGA, 2005, p. 25).

Ao fazer isto podemos tentar apontar caminhos para os profissionais da educação que se esforçam para dar seguimento a essa difícil tarefa, muitas vezes sem apoio da própria escola. É importante que novos métodos sejam experimentados e testados para que nossas crianças conheçam, de forma mais clara possível, a cultura afro-brasileira e também a História do continente africano por um ponto de vista que não seja a ótica do colonizador, rompendo assim

com o eurocentrismo, que coloca o continente nessa condição de espaço de miséria, fome, desastres naturais.

Por este caminho, surgirá, de forma lenta, porém consistente, uma sociedade mais aberta para as diferenças culturais. Enfim uma sociedade com menos preconceitos. Os professores e profissionais da educação devem conhecer o conteúdo da lei e ser preparados para que possam aplicá-la, afinal ninguém pode ensinar sobre o que não conhece.

O ambiente escolar promove o encontro entre grupos sociais variados, forçando um convívio que talvez crianças e adolescentes não percebam no interior de suas famílias e comunidades. O profissional da educação tem papel importante neste processo de aproximação, porém, para conduzir este processo de modo a aproximar os diferentes e promover o respeito às diferenças, este professor precisa estar preparado.

Para isso, se faz necessário que sejam ministrados cursos de formação continuada que não sejam apenas oficinas de finais de semana, mas uma verdadeira formação para que os professores conheçam melhor a complexa diversidade da sociedade brasileira, e possam assim se posicionar de forma mais incisiva nos conflitos gerados pelo preconceito racial. Conflitos que existem sempre que os “diferentes” ocupam o mesmo espaço e, por isso, o professor precisa estar preparado para mostrar a esses alunos que é possível, com respeito e tolerância, dividir esses espaços. A criança que aprende respeitar a diversidade se tornará, sem nenhuma dúvida, um adulto sem preconceitos, um adulto que valorizará, acima de tudo, a pessoa humana.

De acordo com Edimilson de Almeida Pereira (2007), os currículos pedagógicos não devem se restringir à enumeração de conteúdo, mas consistir em um mergulho comprometido da escola e de seus agentes na realidade sociocultural da região onde está situada, além disso, ele acredita que a inserção de elementos referentes às culturas indígenas e afro-brasileira nos currículos escolares brasileiros, proporcionará aos docentes e discentes uma oportunidade de pensar a realidade social brasileira a partir de sua diversidade cultural e, também, de realizar uma revisão crítica nos conteúdos até agora apresentados como oficiais.

De outra parte, Hebe Maria Matos afirma que definir o tema transversal pluralidade cultural não se trata de dividir a sociedade brasileira em grupos culturais fechados, mas educar estimulando a convivência entre culturas diferentes, promovendo o respeito ao outro.

Ao definirem o tema transversal “pluralidade cultural”, os autores dos PCNs afirmaram que não se trata de dividir a sociedade brasileira em grupos culturais fechados, mas de educar com vistas a estimular a convivência entre tradições e práticas culturais diferenciadas... (MATOS, 2003 p. 129)

Para Kabengele Munanga, os conteúdos preconceituosos dos livros didáticos, e aquele que está incutido na cabeça de alguns profissionais da educação e nas relações cotidianas, desestimulam os alunos negros, prejudicando o seu aprendizado. Reverter este quadro é um grande desafio da educação. A forma como os negros são apresentados nos livros didáticos, foi e ainda é reduzida a configurações da escravidão, trabalho braçal, canaviais, castigos no pelourinho entre tantas outras que em nada contribui para valoriza-lo. Ora, a criança negra, que cresce vendo, nos livros didáticos, os negros amarrados ao pelourinho, sendo chicoteados, trabalhando nos canaviais, carregando pesadas cargas nas costas, como animais, não poderão valorizar seus antepassados. Como sentir orgulho desta herança de escravidão e sofrimento?

Mostremos para nossas crianças e adolescentes o outro lado dessa História, o passado de lutas e resistência, as várias contribuições africanas, para a formação da identidade nacional, sejam na culinária, na música, na dança na religiosidade, e assim conseguiremos promover a valorização da cultura afro-brasileira e o mais importante elevar a sua autoestima.

REFERÊNCIAS

BORGES, Dielen; MARTINS, Talita. Cultura Afro. Coleção Civilização Brasileira –São Paulo: DCL 2010.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Superando o Racismo na escola - 2 ed- MUNANGA, Kabengele 2005.

CARVALHO, Leandro - Idade do ferro na África Disponível em- alunosonline.uol.com.br, acesso em: 08/11/2015 as 20:36h.

Conhecendo Madre de Deus. Disponível em: <https://madrededeus.wordpress.com>. acesso em: 30/08/2016.

DUARTE, Eduardo de Assis - Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008.

FASI, Mohammed ele (Ed.). História Geral da África, III: África do século VII ao XI. Brasília: Unesco, 2010

FONSECA, Thais Nívia de Lima e – História e Ensino de História - 2 ed - Belo Horizonte: Autentica 2006

LIMA, Mônica A escrita da história escolar memória e historiografia – ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (Orgs)

MATOS, Hebe Maria, O Ensino da História e a luta contra a discriminação racial no Brasil. ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.): Casa da Palavra 2003.

MUNANGA, Kabenguele Origens Africanas do Brasil Contemporâneo: história, línguas culturas e civilizações 1ª ed, Global, 2009

OLIVA, Anderson Ribeiro- História da África nos bancos escolares - Estudos Afro-Asiáticos, Ano 25, nº 3 2003,

PEREIRA, Edimilson de Almeida, Malungos na Escola: Questões sobre culturas afrodescendentes e educação – São Paulo: Paulinas, 2007, - (coleção educação em foco. Série educação, História e cultura)

RIBEIRO, Fabia Barbosa: Diversidade Étnico Racial no Brasil “IN” Abordagens Políticas, Históricas e Pedagógicas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar

SANT’ANNA, Wânia - Marco Conceitual do Projeto a Cor da Cultura - 2005. Disponível em: www.acordacultura.org.br Acesso em: 22/14/2014.

SILVEIRA, Daniela Ensino da cultura afro-brasileira nas escolas depende de “boa vontade” 2014. Disponível em: www.acordacultura.org.br acesso em: 24/04/2015

SILVA, Geranilde Costa; LIMA, Ivan Costa; MEIJER, Rebeca Alcântara da Silva (Orgs) Fortaleza: Unilab, 2015 pp 69-91.

WITOSLAWSKI, Henrique. História: 6º Ano / Henrique Witoslawski/ Ilustração DKO Estúdio Roca. – Curitiba: Positivo, 2013.

WITOSLAWSKI, Henrique. História: 7º Ano / Henrique Witoslawski/ Ilustração DKO Estúdio Roca. – Curitiba: Positivo, 2013